

NOTÍCIA DAS TESES E DISSERTAÇÕES APRESENTADAS EM 1997 E DAS PESQUISAS EM ANDAMENTO

Teses (pelo mês da defesa)

Abril

ANGÉLICA CHIAPPETTA. *Ad animos faciendos. Comoção, fé e ficção nas Partitiones oratoriae e no De officiis de Cícero.*

Orientador: Prof. Dr. Antonio da Silveira Mendonça.

Junho

CLÁUDIO AQUATI. *O grotesco no Satiricon.*

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Agosto

MARIA CELESTE CONSOLIN DEZOTTI. *Pandora cômica: as mulheres de Aristófanes.*

Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

Setembro

JOÃO BATISTA TOLEDO PRADO. *Canto e encanto, o charme da poesia latina. Contribuição para uma poética da expressividade em língua latina.*

Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

Dissertações (pelo mês da defesa)

Março

GERSON GONÇALVES SILVA. *Apontamentos de um estudo sobre a Hecyra de Terêncio.*

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Alice Cúnio Machado Fonseca.

Abril

LUIS AUGUSTO SCHMIDT TOTTI. *O Opus agriculturae de Paládio (Livro I).*

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ingeborg Braren.

MARCOS AURÉLIO PEREIRA. *De officio grammatici: os capítulos gramaticais da Institutio oratoria de Quintiliano e o papel do mestre de gramática.*

Orientador: Prof. Dr. Antonio da Silveira Mendonça.

Junho

WILMA APARECIDA TRENK. *O discurso Em defesa de Árquias (Pro Archia) e a humanitas de Cícero.*

Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

Agosto

MARCOS MARTINHO DOS SANTOS. *As Epístolas de Horácio e a confecção de uma ars dictaminis: o opus.*

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Novembro

FELIPE GÜTER FERREIRA. *O De uita Iulii Agricolae de Tácito. Introdução, tradução e notas.*

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Alice Cúnio Machado Fonseca.

SÉRGIO AUGUSTO DA SILVA SALVADOR. *A fábula de Fedro: sua natureza, história, mitologia e simbologia; suas alusões e importância dentro da sátira latina.*

Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Alice Cúnio Machado Fonseca.

Dezembro

ANA MARIA CÉSAR POMPEU. *Lisístrata e seus planos: mulheres e acrópole, homens não entram. Aristófanes, Lisístrata. Estudo e tradução.*

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Alves Torrano.

Pesquisas em andamento (por Linha de Pesquisa)

Narrativa greco-latina

A historiografia de Ariano.

Mestrando: Ettore Quaranta. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

Apuleio. Metamorfoses. Livro I.

Mestrando: Agenor Ribeiro Viana. Orientadora: Prof^á. Dr^a. Álice Cúnio Machado.

Homero. Ilíada. Canto XXIV. Tradução e estudo.

Mestrando: André Malta Campos. Orientador: Prof. Dr. Jaa Torrano.

O elogio fúnbebre romano.

Doutoranda: Patrizia Romano Pergamaschi. Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

O Hino homérico a Apolo.

Mestrando: Alberto Machado Cabral. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

Os prólogos dos historiadores latinos.

Mestrando: Renato Ambrosio. Orientadora: Prof^á. Dr^a. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Petrônio e Lucano: intertextualidade e embate estético.

Mestrando: Alessandro Rolim de Moura. Orientadora: Prof^á. Dr^a. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Uma releitura da Pharsalia de Lucano: os núcleos narrativos.

Doutorando: Aécio Flávio de Carvalho. Orientadora: Prof^á. Dr^a. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Poesia lírica, satírica e didática

A lírica de Arquíloco de Paros: fábulas e poemas eróticos.

Prof^á. Dr^a. Paula da Cunha Corrêa.

A natureza da lírica arcaica na Grécia.

Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

Os carmina priapeia.

Mestranda: Ileana Rodrigues. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Álice Cúnio Machado.

O simbolismo do livro na lírica latina.

Mestranda: Isabel Carvalho de Lorenzo. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

Um falo no jardim: Priapo e os poemas da priapéia grega e latina.

Doutorando: João Angelo Oliva Neto. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

Teatro greco-latino

A parábase na comédia de Aristófanes.

Doutoranda: Adriane da Silva Duarte. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Anna Lia A. A. Prado.

A pretexta Otávia. Estudo e tradução.

Prof^ª. Dr^ª. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

Ésquilo. Coéforas. Estudo e tradução.

Prof. Dr. Jaa Torrano.

Eurípides. As troianas. Tradução, introdução e notas.

Mestrando: Christian Werner. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Filomena Hirata Garcia.

Eurípides. Helena.

Doutoranda: Maria Cecília de M. N. Coelho. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Filomena Hirata Garcia.

O discurso persuasivo em Eurípides.

Doutorando: Flávio Ribeiro de Oliveira. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Filomena Hirata Garcia.

O espetáculo e o canto coral.

Doutorando: Fernando Brandão dos Santos. Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Filomena Hirata Garcia.

Sêneca. Agamêmnon.

Doutorando: José Eduardo dos Santos Lohner. Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

Sobre o conceito de verdade e vontade na tragédia grega.

Mestrando: Carlos Alberto Inada. Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Filomena Hirata Garcia.

Sófocles. Electra. Tradução, introdução e notas.

Mestrando: Orlando Luiz de Araújo. Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Filomena Hirata Garcia.

Discurso teórico greco-latino

A metalinguagem em De lingua Latina de M. Terêncio Varrão.

Doutorando: Heitor Coradini. Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso.

A retórica de Demóstenes.

Mestrando: Tércio José Brandão Camara. Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Filomena Hirata Garcia.

Artemidoro.

Doutoranda: Anise A. G. d'Orange Ferreira. Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Filomena Hirata Garcia.

As cartas de Cícero do período do exílio, do retorno do exílio e da adesão ao triunvirato.

Mestranda: Marly de Bari Matos. Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Ingeborg Braren.

Cícero. Cato maior.

Mestrando: Almério Antônio Almeida. Orientadora: Prof^{fa}. Dr^a. Ingeborg Braren.

Cícero. Topica.

Mestrando: Baltazar Oliveira Alves. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ingeborg Braren.

Estudo comparativo do Fédon de Platão e do Diálogo da alma e da ressurreição de Gregório de Nissa.

Mestrando: Álvaro César Pestana. Orientador: Prof. Dr. Jaa Torrano.

Miguel Servet e a reforma radical: a Apologia contra Melanchthon como programa para a restauração do cristianismo.

Mestranda: Elaine Cristine Sartorelli. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ingeborg Braren.

O Apologético de Tertuliano e a legislação anticristã. Introdução, tradução e notas.

Mestranda: Beatriz Castilho Landscheck. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Alice Cúnio Machado.

O De republica de Cícero à luz da República de Platão.

Doutorando: Juvino Alves Maia Júnior. Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

O poder em Roma: algumas considerações acerca do discurso demonstrativo ou uma breve história das representações em texto, esculturas, pintura, numismática nos governos de Júlio César e Otávio Augusto.

Doutorando: Paulo Martins. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ingeborg Braren.

Platão. Fédon. Tradução e notas.

Mestranda: Marisa Ribeiro Donatiello. Orientador: Prof. Dr. Antonio Medina Rodrigues.

Platão: mito e filosofia.

Prof. Dr. Jaa Torrano.

Quintiliano. Instituição oratória. Livro II.

Mestranda: Beatriz Ávila de Vasconcelos. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ingeborg Braren.

Estrutura da frase grega e latina

A oração subordinada em latim.

Doutoranda: Miriam Barcellos Goettens. Orientador: Prof. Dr. Ariovaldo Augusto Peterlini.

Resumo do Curso “Ritual na poesia grega: um curso de religião grega antiga”, ministrado no 2º semestre de 1997 na FFLCH-USP

pelo Prof. Dr. Walter Burkert,

Professor Convidado do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da USP

O Curso “Ritual na poesia grega: um curso de religião grega antiga” ofereceu, por um lado, uma introdução ao estudo de algumas práticas rituais gregas através da leitura de documentos escritos, sobretudo poéticos, e, de outro, uma perspectiva de interpretação de textos poéticos que parte de conhecimentos de práticas religiosas que sejam representadas nesses textos. Esboça-se, portanto, um percurso de ida e volta entre práticas rituais e textos poéticos.

Na primeira aula, primeira metade, tratou-se genericamente da relação entre religião e poesia gregas. A religião grega caracteriza-se pela ausência de uma teologia (que só inicia com os filósofos do séc. IV), pela ausência de livros sagrados (ela se manifesta pela tradição oral, em especial pela observância de *palaioi nómoi*) e pela ausência de uma casta sacerdotal poderosa. Ela é sobretudo mito (lendas - *tales* - aplicadas à realidade, uma “forma internacional de poesia”) e rito (os *drômena*). Desde Usener e Robert Smith até Vernant, discute-se o valor a ser atribuído a mito e rito. Na análise de Burkert, destaca-se o viés da biologia e da etologia para esclarecer o rito, bem como estudos comparativos (“rituais internacionais”, como as diferentes formas de “dar”: sacrifício, libação, oferendas votivas).

Na segunda metade, tratou-se de Homero e do ritual da súplica. Foram apresentados os principais temas de discussão envolvendo os textos homéricos, especialmente o problema da passagem de uma forma oral para uma escrita e a datação. Quanto à *hikesía*, através do exame de várias passagens de Homero, bem como de um trecho de Heródoto e outro de Tucídides, procurou-se obter uma caracterização

do ritual: o suplicante procura aparecer de surpresa defronte do suplicado, não parando na porta (ocorre a integração imediata com a casa; a fala é posterior); o suplicante toca os joelhos do suplicado; ele procura eliminar traços que sugiram a violência (a sua e a do suplicado) e acentuar seu caráter de indefeso (segurandoum bebê do suplicado, por exemplo); busca a compaixão e a piedade, invocando, em especial, Zeus Xênio. Para ilustrar a relevância da postura corporal do suplicante e apontar para a sua contância temporal e espacial, o que sugeriria seu caráter – no mínimo parcialmente – inato enquanto padrão de comportamento, Burkert fez uso da reprodução de uma gema grega antiga e de uma foto de prisioneiros no Bangladesh suplicando pela vida, ambos mostrando notáveis semelhanças.

A primeira parte da segunda aula tratou do adivinho e da aparição de um mal súbito. O exemplo examinado foi o *nósos kakós* enviado por Apolo no primeiro canto da *Ilíada*, mas também foram buscados paralelos em outros textos, como a Bíblia Hebraica, nas rezas contra pragas de Mursilis, e numa inscrição de Saittai, Lídia (191/2 d.C.). Quando se era atingido por um mal súbito (catástrofe), cumpria perguntar-se pelo por quê do mal. Para tal, era amiúde chamado chamado o vidente, *mântis*, que deveria achar o erro e as ações necessárias para o purgar. Aliás, dessa forma vários cultos apareceram. Entre as razões mais comuns aventadas pelos atingidos, tinham-se votos ou sacrifícios omitidos.

Na segunda parte, novamente em Homero, detalharam-se particularidades de rezas e juramentos. Sempre presente na reza está a relação “do ut des” entre o pedinte e o deus, em que o primeiro praticamente exige do segundo a realização de um pedido, lembrando-o das dádivas que recebeu no passado. Comum também era a reza com libações. Quanto ao juramento, uma das passagens exemplares encontra-se no terceiro canto da *Ilíada*. Selado com um sacrifício, uma série de procedimentos visa dar ao juramento um caráter de seriedade e temor inauditos que asseguram seu cumprimento. Também são evocados, como testemunhas, deuses, entidades naturais e até objetos.

Na terceira aula, primeira parte, esboçaram-se alguns problemas filológicos referentes a Hesíodo (datação; autoria, sobretudo em referência aos *Catálogos*) como preâmbulo para uma discussão do fogo e do sacrifício como elementos centrais do mito de Prometeu composto por Hesíodo. O mito serviu como ponto de partida para a apresentação da figura do “trickster”, presente em outras mitologias e para a localização do fogo como conquista essencial para o surgimento da vida civilizada e – conseqüentemente – como objeto de fascínio. Quanto ao sacrifício, tema do livro mais importante de Burkert, *Homo Necans: Interpretationen*

altgriechischer Opferriten und Mythen (1972), procurou-se, nessa aula, situá-lo como prática que teria tido sua primeira aparição histórica enquanto ritual praticado pelos antigos caçadores (k. Meuli). A caça foi um avanço cultural que exigiu instrumentos (lanças), cooperação e visão do futuro; todavia, apesar da caça ser uma prática perpetuadora da vida, ao mesmo tempo, a vida era garantida graças à morte e vislumbrava-se a possibilidade de os animais se extinguirem. Desse modo, descreve-se o sacrifício como forma de apaziguar ansiedades e temores e “atualizar a interação social”. Quanto ao sacrifício grego, descreveu-se sua execução retomando passagens de Homero e sublinhou-se sua especificidade: por meio de duas faces, a sagrada (ligada ao ato atemorizante de matar um animal) e a profana (o banquete), reafirmava-se a solidariedade do grupo.

Na segunda parte, examinou-se uma outra etiologia da prática sacrificial no *Hino* homérico a Hermes, que apresenta duas conquistas culturais como oriundas da morte de animais: a música e o sacrifício. Quanto ao sacrifício, examinou-se os detalhes da produção do fogo por Hermes (processo diferente do relatado por Hesíodo) e da disposição da carne sacrificial, dividida em 12 partes (*gérai*), uma provável relação com os sacrifícios em Olímpia.

Na quarta aula, primeira parte, foi-se buscar no *Hino* homérico a Deméter a etiologia dos mistérios de Elêusis, um modo de entrar em um campo mais místico da religião grega. O caráter etiológico destaca-se na medida em que se tem um trecho muito estranho em meio a uma estória comum (a visita de um deus a um mortal). Os detalhes podem ser relacionados com as fontes que se referem aos mistérios, mas estes – o significado e o alcance do era ouvido e visto pelos iniciados – continuam essencialmente obscuros para nós. Ressaltou-se que, embora os rituais apresentassem a morte como um bem, não se tratava de imortalidade, pois, como o *Hino* mostrava em relação a Demofonte, tratava-se de imortalidade não conquistada (*immortality failed*).

Na segunda parte, ao se examinar Píndaro, *Ol.* 2, 54-80, a mais antiga referência textual à transmigação das almas, recorreu-se ao exame de três folhas ou lamelas douradas. Nelas se descreve, ou melhor, se prescreve aos mortos uma série de rituais que devem ser cumpridos no – literalmente – caminho para a felicidade eterna, que se abre àquele que, em vida, participou das iniciações báquicas. Vale destacar duas interessantes teses de Burkert: há uma relação entre esses textos e o *Livro dos Mortos* egípcio; o fato de elas serem encontradas em lugares onde não há um equivalente de Elêusis, servindo, portanto, os mistérios báquicos como sucedâneos daquele (sul da Itália, Creta, Tessália).

Na quinta aula, retomou-se o sacrifício, desta feita na sua relação com a tragédia, enquanto origem e enquanto *leitmotiv* (como sacrifício pervertido). Burkert expôs a teoria da origem da tragédia da qual discorda – a partir do ditirambo enquanto “canto de bodes” – e aquela que defende – a tragédia como “canto pelo prêmio de um bode” ou “canto por ocasião do sacrifício de um bode” –, no que resumiu seu artigo publicado em 1966: “Greek Tragedy and Sacrificial Ritual”. Para ilustrar sua tese do estreito vínculo entre tragédia e sacrifício sangrento, rastreou uma série de passagens que se estruturam em torno do sacrifício ritual em *Agamêmnon* e na *Electra* de Eurípides. Nessa última, por exemplo, destacou os versos 842-43, que apontam para um sacrifício ímpio na medida em que a vítima, ao contrário da prática ritual, não morre de imediato, mas agoniza, agitando-se convulsivamente.

Na última aula, ao se abordar a poluição e purificação, partiu-se das correspondências entre a *lex sacra* de Selinonte e a “fracassada” purificação ritual de Orestes nas *Eumênides*. Burkert enfatizou, em relação à tragédia, o estranho valor do rito em meio a uma auto-delimitação crescente do político: se, num primeiro momento, o rito se mostra fraco (Orestes não é purificado), o movimento seguinte põe em xeque a eficácia do julgamento, de sorte que as Eríniessó são apaziguadas com a instituição de um ritual que visa causar medo e terror nos indivíduos. A poluição e a purificação também foram examinadas em duas tragédias de Sófocles. Na *Antígona*, Tirésias aponta a doença que aflige a cidade na sua comunicação com os deuses; o coro, então invoca Dioniso enquanto deus de Tebas e de rituais purificadores. Em *Édipo em Colono*, leu-se a descrição pormenorizada de um ritual de *katharmós tónde daimónon* – Édipo precisa apaziguar as Erínie, cujo recinto sagrado violara –.

CHRISTIAN WERNER*

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo

* Mestrando em Grego pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.